

EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA E AS TECNOLOGIAS PARA PENSAR: UMA ENTREVISTA COM A PROFESSORA JUANA SANCHO GIL

Simone Bueno Borges da Silva¹

Resumo: Esta entrevista apresenta as reflexões da professora Juana Maria Sancho Gil acerca dos desafios que a educação contemporânea precisa enfrentar. Emérita da Universidade de Barcelona, Juana Sancho dedicou uma vida a estudar a escola, os modos de aprender e de ensinar, as tecnologias educacionais e a formação de professores. Em sua trajetória profissional, um vínculo com o Brasil se construiu, com significativas contribuições à projetos de pesquisa educativa. Nesta entrevista, a professora Juana reflete sobre a educação contemporânea, a escola e o processo de formação dos professores. Fala, também, de suas ideias sobre as tecnologias para pensar.

Palavras-chave: Escola; Professores; Tecnologias Educacionais;

CONTEMPORARY EDUCATION AND TECHNOLOGIES FOR THINKING: AN INTERVIEW WITH PROFESSOR JUANA SANCHO GIL

Abstract: This interview presents the professor Juana Maria Sancho Gil's reflections on the challenges that contemporary education needs to face. Emeritus of the University of Barcelona, Juana Sancho has dedicated a lifetime to research the school, ways of learning and teaching, educational technologies and teacher training. In her professional career, a connection was built with Brazil through significant contributions to educational research projects. In this interview, professor Juana talks about contemporary education, the school and the process of teacher training. She also shares her ideas regarding the technologies to think.

Keywords: School; Teachers; Educational Technologies.

INTRODUÇÃO

Qual professor não tem lidado com as incertezas dos contextos educativos no mundo contemporâneo? É fato que a escola e os processos de ensino e aprendizagem foram amplamente afetados pela pandemia da COVID 19. Mas, em meio a tantas dificuldades enfrentadas, observa-se um profícuo debate em

¹Universidade Federal da Bahia. (simonebbs70@gmail.com)

torno de temas que a esfera educacional vem propondo e que, por vezes, coloca em questão algumas ‘velhas certezas’, problematiza as estruturas e observa as práticas pedagógicas.

Em visita ao Brasil no final do ano de 2021, a convite do Profletras UFBA², a professora Dra. Juana Maria Sancho Gil, emérita da Universidade de Barcelona, concedeu uma entrevista ao Núcleo de Estudos de Linguagens e Tecnologias (NELT/UFBA) em que trouxe suas reflexões propondo repensar os discursos e as visões sobre o sentido da educação no mundo de hoje.

A professora Juana possui uma trajetória excepcional em pesquisas no campo educacional. Há mais 50 anos vem se dedicando a conhecer a escola e os modos de ensinar e de aprender, interessando-se, ainda, pela formação de professores e pelas tecnologias educativas.

Prêmios e honrarias estão presentes em seu percurso acadêmico: é doutora honoris causa pela Universidade Autónoma do Estado do México e pioneira nas pesquisas sobre as tecnologias educacionais na Espanha, tendo ganhado, em 1987, o primeiro prêmio nacional de pesquisa. Além disso, Juana já publicou 35 livros, entre os quais 4 no Brasil, em língua portuguesa. Escreveu cerca de 168 capítulos de livros e mais de 280 artigos, publicados na mídia espanhola e internacional, relacionados à inovação e melhoria da educação, formação de professores e ao impacto das tecnologias de informação e comunicação na educação. Nesta entrevista, Juana fala sobre a educação contemporânea, sobre a formação de professores e sobre as tecnologias para a aprendizagem e o conhecimento.

A ESCOLA CONTEMPORÂNEA

Entrevistadora - Juana, o mundo todo enfrentou muitos desafios educacionais durante a pandemia da COVID 19. Como você avalia as transformações no cenário educativo, quando chegarmos ao final da pandemia?

Entrevistada - A verdade é que, se eu olho para a história da educação e para o mundo atual, acho que o contexto educativo se transformará pouco. Em

²Este trabalho foi realizado com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), programa CAPESPRINT UFBA.

um mundo em que permitimos que 1% da população tenha mais bens, mais riquezas que os 99% restante, é muito difícil que haja uma educação democrática, com justiça, com igualdade social. Eu acho que uma transformação não diz respeito apenas à escola, ao seu contexto, aos professores. Uma transformação significa repensar o tipo de sociedade que nós queremos. Algumas escolas, alguns sistemas educativos sim, repensarão. Mas, para mim, o grande problema é a organização social, a organização política e o tipo de sociedade que queremos construir, porque as escolas não são nem mais nem menos que um reflexo dessas sociedades. Só vejo transformações educativas nas sociedades democráticas que buscam a justiça, que buscam a igualdade, que são honestas, éticas e sobretudo estéticas. Se não transformamos isso, as coisas continuarão como estão, ainda que muitos professores, que são os que lutam e resistem na linha de frente, todos os dias, certeza de que serão melhores. Mas, ou melhoram as sociedades ou tudo na escola seguirá igual.

Entrevistadora - Para você, qual foi o maior desafio dos professores durante esse período pandêmico de ensino remoto emergencial?

Entrevistada - O maior desafio é que o sistema educativo foi pensado para que as pessoas se encontrassem em um lugar e, de repente, não puderam mais se encontrar. Isto não é a primeira vez que acontece. Aconteceu em outros momentos da história sobretudo em países que, como o que eu moro, enfrentou muitas guerras. Então, o professor, de uma hora para outra, não pôde realizar o seu trabalho, lhe restou fazer o que podia. Aquelas pessoas que tinham acesso às tecnologias da comunicação e da informação se sentiram um pouco mais à vontade, porque podiam começar a fazer as coisas pela internet, mas muitos meninos, mesmo na Europa e nos Estados Unidos, lugares que se supõe dispor de tecnologias, não podiam se conectar. Por exemplo, na Espanha, houve situações, em lugares remotos em contextos rurais, em que os professores tiveram que recuperar o rádio amador e através do rádio se conectavam com os estudantes. Isso vem mostrar que os professores sempre têm mais criatividade que os próprios governos. Se conectavam também pelo telefone, mas era muito difícil, porque havia famílias que não tinham condições. Então os professores fizeram o que puderam o que souberam e muitas vezes com pouco apoio dos governos, das administrações que deveriam tê-los acompanhado.

Entrevistadora - A pandemia também levantou algumas questões relativas ao ensino e a aprendizagem. Essas questões dizem respeito aos diversos fatores

que atravessam os processos educacionais e que alguns deles estavam sendo deixados em segundo ou terceiro plano, como a dimensão afetiva da construção do conhecimento, em favor de um foco mais incisivo nos conteúdos de ensino. Além dos conteúdos de ensino, quais outros aspectos te parecem relevantes de serem considerados para que se construa, de fato, uma outra perspectiva educacional?

Entrevistada - Para mim, um aspecto fundamental é o que chamamos de ética relacional e a pedagogia do cuidado. Uma pessoa não pode ensinar a ninguém e nenhuma pessoa pode aprender de ninguém se não se sente respeitada e cuidada, se não se sente valorizada como um legítimo outro. Para mim é um problema porque muitos meninos, mas, também, muitos professores não se sentem nem cuidados, nem valorizados. E aqui está um problema crucial: a educação não é um processo de transmitir informação. Nesse momento, temos informação por todas as partes, mas a informação precisa de um conhecedor, um conhecedor que dê sentido à essa informação. Mas, é claro, esse conhecedor não nasce pronto, ele se faz e precisa de acompanhamento. Então, em muitas ocasiões, é preciso olhar para um menino ou uma menina e entender que essa criança ou jovem pode estar sofrendo, porque em sua casa está tendo grandes dificuldades, outras vezes porque está sendo abusada, ou porque não tem o que comer. Como podem aprender se não têm condições? Para mim a escola não educa sozinha, há todo um sistema e os sistemas educativos, para mim, têm que cuidar, tem que cuidar de todas e cada uma das pessoas que configuram a sociedade para que possamos aprender, para que possamos ser uma sociedade mais honesta, mais empática. Eu sugeriria que os governos e as escolas se pusessem, como o grande desafio, pensar sobre as soluções para a seguinte pergunta: como cuidarmos uns aos outros? Então, não estou falando só do cuidado uns dos outros, mas também o cuidado com o mundo que nos envolve, porque não estamos cuidando do planeta. E o plano sem nós, continuará. Agora, nós como espécie, podemos desaparecer em poucos anos. Se isso é o que queremos, sigamos destruindo: sigamos destruindo as selvas, os rios, sigamos jogando plástico por toda parte. Mas, esse é o mundo que queremos para nossos filhos e netos? Por isso temos que fazer as mudanças entre todos, a escola sozinha não pode fazer isso. Para mim esse é o desafio: a construção de uma pedagogia, de uma ética do cuidado com si próprio, com o outro e com o planeta.

Entrevistadora - A instituição escolar também precisa ser reconstruída no pós-pandemia, em suas estruturas, em seus modelos, além das práticas docentes?

Entrevistada - Para mim totalmente. É até engraçado, porque quando falamos em instituição educativa, pensamos logo na escola e, muitas vezes, a escola é um edifício, com paredes, com umas aulas separadas umas das outras e eu me pergunto: Por que isso? Por que não nos encontramos, um grupo de pessoas e esse grupo mesmo decide como querem aprender, aproveitando, inclusive, o entorno? Ou seja, transformar essa ideia da escola tão contida em si mesmo é uma demanda necessária. A escola que temos é: um professor, uns alunos, umas aulas, organizados de forma completamente compartimentalizadas. Isso para mim precisa ser repensado profundamente. Por que matemática vai das 9h às 10h? Ciências Sociais das 10h às 11h etc. Parece uma planilha de programa de televisão. Por que não colocamos problemas-chaves que vamos investigando e construindo a partir das diferentes disciplinas? Não podemos fazer essa escola diferente, porque nossa mentalidade, nossos marcos mentais estão construídos a partir da rigidez, parece que perdemos a flexibilidade. É uma tarefa coletiva perguntar-nos: Os hospitais do século XVIII eram iguais aos hospitais de hoje? Nada disso!! Mas as escolas do Século XVIII eram iguais as de hoje, a diferença é que agora têm computadores e as do século XVIII não tinham. Que diferença é essa? Para mim, nenhuma!

Entrevistadora - O que precisa ter na escola e nos processos educativos num modelo educacional ideal na contemporaneidade, que atenda as populações de forma mais igualitária?

Entrevistada - Primeiro, a escola teria que se desescolarizar. É preciso desconstruir essa imagem mental de que a escola é um edifício, umas aulas fechadas. Eu me lembro uma vez, em um congresso internacional que mostraram uma escola na África que era um grupo de professores e estudantes embaixo de uma árvore. Isso é uma escola: um grupo de pessoas que querem aprender e as pessoas que estão dispostas a ensinar, ou melhor, aprender junto. Para mim seria essa questão que precisa ser observada. Por exemplo, uma observação que me emocionou até chorar: Estive no museu de Hiroshima, onde se explica toda a destruição da bomba nuclear que lá jogaram. Às 8h da manhã Hiroshima era uma cidade maravilhosa e às 8h e 22min quase 80 mil pessoas com toda a cidade havia desaparecido, desaparecido totalmente. Então,

uma imagem que me fez chorar e mesmo agora em me lembrar eu choraria, foi a imagem de um professor que pegou um grupo de estudantes e com umas mesinhas começaram uma escola ao ar livre entre os escombros. Isso é uma escola. Então, precisamos pensar em modos de organização flexíveis, como redes de pessoas que querem ensinar e aprender.

Durante um tempo, em Barcelona e outras cidades, propuseram uma iniciativa de educação em que as diferentes identidades culturais da cidade podiam contribuir com a educação das crianças (programa Cidades Educadoras)³. Mas agora essa perspectiva já desapareceu e estamos outra vez com a lógica rígida: venham as disciplinas, as avaliações, os indicadores, o PISA e não sei o que mais. Então eu penso: afinal, o que têm aprendido os estudantes?

Atualmente, estamos fazendo uma pesquisa sobre como os estudantes universitários aprendem, no século XXI⁴. E eles dizem: “sim nos dedicamos à universidade”. Mas para muitos deles a universidade é um trãmite, um lugar onde podem pegar um título, mas não é um lugar onde eles sentem que aprendem, de forma semelhante com o depoimento de um estudante do secundário⁵: “eu sou um bom estudante, vou às aulas, faço anotações, estudo, vou às provas, faço as provas e tiro boas notas. Quinze dias depois, não me lembro de nada” (ORNELAS e SANCHO, 2017). Temos um problema, não houve aprendizagem significativa, não houve aprendizagem que o afetara, que lhe tenha possibilitado abrir-se ao mundo. Então temos que repensar como conectar as necessidades com as situações dos alunos. E a noção de conhecimento, mais aberto e flexível que nos permita aprender sobre nós mesmos, sobre os demais e sobre o mundo que nos rodeia.

A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

Entrevistadora - Numa perspectiva ideal, o que não poderia faltar na formação inicial e continuada dos professores?

³<https://www.edcities.org/>

⁴<https://esbrina.eu/portfolio/trayectorias-de-aprendizaje-de-jovenes-universitarios-concepciones-estrategias-tecnologias-y-contextos/>

⁵A escola secundária corresponderia ao Ensino Médio, aqui no Brasil.

Entrevistada – A coisa que não poderia faltar, e que incomoda a alguns, é perguntar-se sobre quem forma os formadores. Sempre falamos da formação dos professores e eu pergunto: e os formadores, quem os formam? Os formadores que levamos, 10, 15, 20 ou 30 anos na universidade, fora da escola, realmente entendem a problemática da educação no mundo atual? O primeiro que não poderia faltar seria perguntar-se sobre a formação de quem forma os formadores. A segunda coisa é sobre a organização dos planos de estudo. Quando analisamos - e temos feito isso para algumas pesquisas - esses planos de estudos, observamos que tudo parece estar preso em quadradinhos, os conteúdos, áreas e elementos não dialogam. Eu até tentei encaminhar isso uma vez, mas não tive êxito. Mas para mim, em primeiro lugar, também na formação dos professores deveríamos ter um tema transversal: Conhecer o mundo em que moramos. Quais são as casuísticas? Qual é a composição do mundo atual? Isso dá para três ou quatro projeto que entrelaçam todas as disciplinas que o professor tem que ensinar, todas: a língua, matemática, literatura etc. Se você quer se formar para ser professor da Educação Básica você tem que entender o mundo em que vive.

Entrevistadora - Temos observado nossos professores angustiados, sentindo-se, muitas vezes, impotentes diante dos desafios educacionais. Você acha que a formação de nossas crianças e jovens está mesmo apenas nas mãos dos professores?

Entrevistada – Não! Está nas mãos da sociedade. Os professores não são responsáveis por todos os problemas da educação. De fato, eles têm que engolir muitos desses problemas. Mas é como se você fosse um engenheiro que precisa construir uma estrada e não te dão os materiais, não te dão o tempo e nem as pessoas que você precisa. Então que estrada se quer construir? É de conhecimento comum que os professores trabalham com muitos alunos e eu acho que aqui no Brasil as turmas são muito mais numerosas que na Espanha, sem condições, muitas vezes, com pouco tempo. Sei que os professores trabalham dois ou três turnos. Como ele pode preparar-se? Como podem estudar? Como pode acompanhar os seus estudantes se não tem tempo e nem condições? Se não tem os recursos que precisa? Não se pode fazer milagres. Os professores muitas vezes fazem coisas extraordinárias, mas não podem atribuir a eles a responsabilidade. O governo deve, primeiro, organizar os entornos onde os meninos e os professores se sintam seguros e possam desenvolver o seu trabalho e todas as suas capacidades. Não pediríamos a um médico que fizesse uma operação sem que tivesse as condições, os instrumentos e os recursos

mínimos. Nós pedimos demais aos professores. É muito importante repensar isso!

Entrevistadora - Quanto à formação inicial dos professores, que é uma tarefa das universidades, quais as mudanças ou os avanços que precisam ser construídos, no seu ponto de vista?

Entrevistada - Isso traz um pouco do que eu falava antes. Para começar eu analisaria as propostas formativas atuais. Nós já fizemos isso e realmente estão antiquadas. Se centram nas disciplinas e não nos problemas reais da educação. Também repensaria a educação que têm os próprios formadores. Então, a transformação mais importante seria centrar a formação nos problemas da educação atual e vinculá-la com a prática. Precisaríamos que a formação estivesse muito mais em contato com a prática, com as próprias escolas. Também precisaríamos fomentar muito o trabalho colaborativo e as redes e os grupos de apoio. Para mim este é o grande objetivo, o grande caminho para a formação inicial e que estivesse conectada com a formação permanente. Eu penso que nos faz falta falar mais sobre os problemas atuais e planejar tudo melhor, mas não só com os professores e neste caso os formadores, mas também com as instâncias legislativas e administrativas que trazem os meios para pôr tudo em prática. Precisamos mais intercâmbio entre as diferentes instâncias dos sistemas não apenas o educativo, mas todos os sistemas sociais.

AS TECNOLOGIAS PARA A APRENDIZAGEM E O CONHECIMENTO

Entrevistadora - Em sua trajetória profissional, você foi pioneira, na Espanha, nas pesquisas que investigaram os usos das tecnologias da informação e comunicação no ambiente escolar. Como você avalia essa trajetória da escola quanto às atualizações tecnológicas para o uso pedagógico?

Entrevistada - Eu realmente fiz bastantes pesquisas e sigo fazendo. Então, contarei duas pequenas situações. No ano de 1985, publiquei um livro com um colega cujo título era “La introducción del ordenador en el aula” (MARQUÉS e SANCHO, 1987). O meu colega escreveu toda a primeira parte que tratava mais dos tipos de aparelhos, dos computadores, como funcionavam as impressoras etc., porque era tudo muito novo para as escolas. Na segunda parte do livro eu discutia as temáticas mais específicas das escolas, que, aliás, até são

muito parecidas com a de agora. Eu discutia essas temáticas e perguntava como, de alguma maneira, íamos avançar aí. Vinte e cinco anos depois, um colega comentou: “Juana, eu estava revisando o seu livro e observei que toda a primeira parte está obsoleta, assim como todos os aparelhos daquela época estão no lixo contaminando o planeta - não são tecnologias limpas, contaminam muito. A segunda parte que você escreveu com todas as temáticas educacionais estão totalmente atuais”. Para mim esse é um grande problema da pesquisa e da ação de utilizar tecnologias.

A segunda situação foi em Catalunha. O primeiro programa de informática educacional começou no ano de 1982. Há quatro ou cinco anos, fizemos uma pesquisa para saber como, em todo esse tempo que havia tido uma série de políticas de fomento ao uso das tecnologias digitais nas escolas - programa Escola 2.0, Internet em todas as escolas, os tablets e muitos outros. Então como nós vamos muito à escola e vemos que os aparelhos ficam obsoletos e as práticas continuam as mesmas, quisemos desenvolver essa pesquisa para ter evidências. Fizemos a pesquisa, analisamos todas as políticas, revisamos tudo o que se havia escrito sobre isso e entrevistamos pessoas da administração e pessoas que intermediavam as políticas públicas etc. Fizemos também, seis estudos de caso em profundidade. Publicamos bastante coisas e ao final publicamos um livro cujo título é “A fugacidade das políticas e a inércia das práticas” (SANCHO e ALONSO, 2012). Me parece que isso explica tudo: as políticas mudam, os políticos mudam, mas é muito difícil de transformar as práticas escolares, porque implica muitas questões, pessoas, recursos, horários etc. Então, para mim, atualmente, o grande problema da maioria das pesquisas que se faz em tecnologia educacional é que não adotam uma perspectiva crítica no sentido de observar os prós e os contras, mas elas parecem que estão muito mais para “cantar as maravilhas”. Quando vejo um artigo de pesquisa que põe o nome de um aparelho tecnológico no título, primeiro penso: em cinco anos estará obsoleto. Segundo, me dá a impressão de que o que queremos é vender esse produto. Eu não sou uma vendedora, eu sou uma educadora. A minha pesquisa procura pensar como todas essas tecnologias estão impactando o nosso desenvolvimento como humanos e como as grandes corporações estão se metendo no campo da educação e estão enriquecendo como não podemos imaginar.

Para terminar, com outra situação. Eu pertenço a um grupo internacional em que discutimos sobre a responsabilidade social da tecnologia e faz bastante tempo, em um encontro em Hamburgo, na Alemanha, uma pessoa que

trabalhava no campo mundial contou: “Eu já tenho um tempo trabalhando com transferência tecnológica a países em desenvolvimento e nós temos comprovado que, quando se introduz uma determinada tecnologia artefactual ou simbólica como é o computador em um entorno que não sente a necessidade dessa tecnologia ou que não sabe utilizá-la ocorre algo. As pessoas desses entornos deixam de desenvolver o seu próprio conhecimento, porque têm que passar muito tempo entendendo o novo aparelho, a nova tecnologia. Quando começam a dominá-la, o tempo já passou e essa tecnologia já ficou obsoleta. Então, quando isso termina, as sociedades estão mais ignorantes, porque não desenvolveram o seu próprio conhecimento; mais pobres, porque antes não tinham que pagar por esses aparelhos; com mais contaminação, porque todas essas tecnologias contaminam o meio ambiente quando são descartadas.” Para mim esse foi um grande ponto de reflexão. Então, quando me perguntam: temos que utilizar o celular? Eu respondo: depende. Temos que utilizar o computador? Depende. Então devolvo uma pergunta: Qual é o seu projeto educativo? Onde você quer chegar? Vamos pensar até onde queremos ir e depois vamos pensar o tipo de instrumento que necessitamos. Eu não quero ser um comercial, um vendedor das grandes companhias eletrônicas, eu quero ser uma educadora que pensa no tipo de mundo, no tipo de educação que eu gostaria de ajudar a criar.

Entrevistadora - Para você, qual seria o verdadeiro papel das tecnologias digitais nos processos educativos?

Entrevistada - O verdadeiro papel seria quando nós decidimos qual seria o papel que queremos que tenha. Por exemplo: Com uma faca posso fazer muitas coisas: posso fazer uma escultura, posso cortar um bife, posso matar alguém. Então, o papel que eu lhe dou depende das minhas finalidades. Se minha finalidade é comer um bom jantar, se minha finalidade é artística e se minha finalidade está no fato de eu ser um delinquente, então faço outra coisa. Eu diria o mesmo para as tecnologias na escola: a pedagogia primeiro, a finalidade do sistema educativo primeiro e um sistema educativo em um mundo altamente tecnologicado, há de levar em conta as tecnologias digitais, mas não só para aplicá-las, mas para pensá-las. E para pensá-las, temos que entender o que tem por trás, temos que entender quem as promovem. Agora mesmo estão falando do metaverso!!! Vão me perdoar, mas fico pensando: como somos tão estúpidos, nós engolimos qualquer coisa! Para começar, o metaverso é uma metáfora que provém de um livro que se chama “Snowcrach”, é uma distopia. É do ano de 1965, e fala de um mundo totalmente digital. Isso é o metaverso.

Quando se propõe alguma coisa, por que não analisamos de onde vem? Quem o está promovendo e por quê? Então as tecnologias têm mesmo um papel no âmbito da educação, mas não estão na educação apenas para serem aplicadas. Para mim as tecnologias deve ser um lugar para pensar.

UMA HISTÓRIA NA TRAJETÓRIA

Entrevistadora – Para encerrar nossa entrevista, eu gostaria que você contasse um episódio, um acontecimento que tenha sido marcante na sua trajetória tão importante, dedicada à educação.

Entrevistada – Eu diria que tenho vivido episódios muito importantes, ou seja, para mim, a vida tem dado muito, mas eu penso que também é a postura que você adota. Eu tenho chegado à conclusão de que você recebe o que dá. Mas na minha trajetória eu destacaria uma situação do meu início da carreira de professora. Naquela época, fiz o exame nacional e fui enviada a um lugar para dar aulas aos meninos de 4 e 5 anos. E agora vou me emocionar, porque foi o melhor que aconteceu em minha vida. Aprendi a ser professora, aprendi a ser educadora e pesquisadora. Por quê? Porque me dei conta de que eu não tinha ideia de nada. Eu via a maioria das coisas, mas eu não podia explicá-las e eu sempre queria estudar e esse desejo me levou. Tinha um menino de 5 anos que um dia veio para a escola e falou: “Senhorita Juana Mari, a minha mãe quer que a senhorita venha amanhã na minha casa tomar café”. Eu disse: “Muito obrigada Pablito, eu amanhã irei”. E no dia seguinte veio correndo, correndo e me disse: “Senhorita, hoje já é amanhã”. E eu pensei: isso é o mais sábio que eu já ouvi em minha vida. O que você faz hoje será amanhã. O futuro não existe, ele é o presente. O que façamos hoje ou o que não façamos, esse será o futuro.

REFERÊNCIAS (ESTILO TÍTULO SEÇÃO)

MARQUÉS, P; SANCHO, J. M. **Como introducir y utilizar el ordenador en la clase**. Barcelona: CEAC. 1987.

SANCHO, J. M. y ALONSO, C. (Org). **La fugacidad de las políticas, la inercia de las prácticas**. La educación y las tecnologías de la información y la comunicación. Barcelona: Octaedro, 2012



ORNELLAS, A, SANCHO-GIL, J. M. Conectando el aprendizaje dentro y fuera del centro. El caso del Instituto Conca del Llobregat. IN HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, F. (Org.), **¡Y luego dicen que la escuela pública no funciona!** Investigar con los jóvenes sobre cómo transitan y aprenden dentro y fuera de los centros de Secundaria. Barcelona: Octaedro, 2017, pp. 197-240.

Recebido em 23 de fevereiro de 2022.

Aprovado em 01 de abril de 2022.